
Antoine Berman. *Pour une critique des traductions: John Donne*, Paris: Gallimard, 1995, 275 pp.

Pour une critique des traductions: John Donne foi escrito por Antoine Berman nos seus últimos meses de vida, em 1991. A idéia de estudar a crítica das traduções e tomar como exemplo a análise de traduções feitas do poema “Going to bed”, de John Donne, surgiu em 1989, em um seminário realizado por Berman no *Collège International de Philosophie*, onde o autor confronta o poema de Donne

a várias traduções em francês e a uma de Octavio Paz em espanhol. Neste livro identificamos muitos conceitos explorados em outras obras de Berman, o que torna a leitura ainda mais enriquecedora, pois nos permite acompanhar o desenvolvimento das teorias do autor.

Não é por acaso que Berman intitula o primeiro capítulo deste livro “Le projet d’une critique productive”. Nele, discute-se o fato de que a crítica produtiva das traduções realiza tarefas que vão muito além de um trabalho de destruição de uma obra. Críticas voltadas à denúncia e acompanhadas de retraduições pontuais, buscando somente julgar, não podem ser a base

de uma contundente crítica das traduções. A crítica produtiva deve analisar rigorosamente a tradução, seus traços fundamentais, o projeto que a fez nascer, o horizonte no qual ela surgiu, a posição do autor, entre outros fatores. Assim, acabam estabelecendo-se processos pelos quais idealmente passaria uma análise produtiva. Lembremos alguns destes processos aos quais Berman se refere.

A crítica positiva parte da seguinte idéia: mesmo que a forma da análise mude conforme o tipo de tradução (poema ou coletânea de poemas, conto ou romance, etc.), em todos os casos deve-se analisar as totalidades, não fragmentos isolados, pontuais. No que diz respeito à consulta a outras traduções, ela é sempre frutífera para a análise da tradução, que se torna, assim, a análise de uma re-tradução. Desta forma, pode-se dizer que a re-tradução, ou melhor dizendo, as re-traduções possuem um horizonte tríplice: as traduções anteriores, outras traduções contemporâneas e as traduções estrangeiras. Outro procedimento importante é o da confrontação, que se opera - de forma não mecânica - em quatro "frentes": a confrontação dos elementos e das passagens selecionadas no original com as passagens correspondentes na tradução; a confrontação

inversa das zonas textuais julgadas problemáticas com as zonas textuais correspondentes do original; a confrontação com outras traduções; e a confrontação da tradução com seu projeto, ligado à subjetividade do tradutor e as suas escolhas íntimas. Ao se realizar uma crítica positiva é preciso ainda observar um duplo critério de avaliação, de ordem ética e poética. A poética de uma tradução reside no fato do tradutor ter realizado um verdadeiro trabalho textual, em correspondência mais ou menos íntima com a textualidade do original, e a ética no respeito ao original, num certo "diálogo" estabelecido com este, o que é para o tradutor, em geral, a coisa mais difícil de realizar no ato de traduzir. Finalmente, seria produtivo que a crítica se dedicasse à análise da recepção da tradução, embora esta nem sempre seja possível. Todo este processo levaria a uma crítica que, conforme Schlegel, "não seria somente explicativa e conservadora, mas seria ela própria produtiva, ao menos indiretamente". É a crítica buscando o sentido mais elevado possível, preocupada em realizar um ato crítico produtivo e fecundo.

Das traduções de "Going to bed" analisadas, a de Octavio Paz é a mais elogiada por Berman. O autor me-

xicano fez uma tradução livre do poema, mas admirável. Mas, o que decepciona nas traduções francesas? Ora, tudo o que é, em Donne e Paz, ao mesmo tempo complexo e simples, reflexão e imediato, retórico, lírico e pensamentos entrelaçados, nas traduções de Phiplippe de Rothschild e na de Yves Denis e Jean Fuzier, por exemplo, é soldado numa massa compacta, única, que sua língua arcaica tornou difícil a ler. Vê-se bem que os autores tentaram realizar uma obra poética, haviam trabalhado a rima, a prosódia, etc. e até mesmo, numa certa medida, conseguiram produzir um poema, mas cheio de palavras antigas e obscuras, que não correspondiam à leveza das utilizadas por Donne. Imagens, expressões que sobressaem e que são essenciais ao poema, perturbadoras, haviam sido substituídas.

Se pensarmos no horizonte da tradução de Denis e Fuzier enfocamos os anos 60, ricos em traduções de uma diversidade não unificada e época de grandes distâncias entre as práticas e os conceitos. Uma prática comum era a de “nacionalizar” o autor, no nosso caso, criando um Donne francês. Assim, ao traduzir Donne seria preciso, por um lado, utilizar os recursos da língua poética francesa da

época e, por outro lado, preferencialmente, os recursos de obras que, ao menos superficialmente, pareçam com a de Donne. A criação de um Donne francês é impossível, sobretudo porque não há nenhum poeta francês contemporâneo que se pareça com Donne. Como ignorar a diferença radical entre a poesia inglesa e a poesia francesa do final do século XVI? Não se quer dizer aqui que nada transitava de uma cultura para a outra, mas no que diz respeito ao íntimo da literatura e da poesia francesa, esta não mostra-se nos traços da escrita inglesa, e vice-versa. Donne é, e só pode continuar, inglês. A tradução deveria se preocupar em manter Donne londrino, mas em francês.

Retornando à tradução de Paz, esta é bem sucedida não somente pelo fato de ele ser um grande poeta, mas também pela razão deste poeta ter um outro projeto. Sua tradução não é literal, sendo antes uma adaptação ao espanhol, afastando-se várias vezes do original, mesmo que em outros momentos tenha buscado as expressões cujos valores equivalassem aos do inglês. Sua tradução é marcada por uma total renúncia a uma tonalidade arcaica, fazendo surgir um poema moderno. Ele conserva os traços lingüísticos e poéticos fundamentais,

embora os traga às vezes para o seu próprio universo, o da língua espanhola. Ao celebrar a liberdade no ato de traduzir, Paz privilegia o espaço da tradução, mostrando que o intercâmbio entre autor e leitor-

tradutor é algo mais que um comportamento de codificação/decodificação: é preciso re-encontrar a estrutura subjacente de modo a reconstruir, na língua de chegada, a intenção e a mensagem.

Juliane Bürger
UFSC
